

Darel por Darel

Cheguei ao Rio em 1946. Algum tempo depois, havia deixado de ser funcionário público, junto ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento. Era minha intenção ser artista. Lembro-me que, por acaso, encontrei Goeldi, Lívio Abramo e, talvez, Leskoschek. Estavam indo para uma reunião “quase secreta” num casarão de Botafogo, que mais tarde seria o Pinel, para discutir a forma de o artista viver, vender quadros, ilustrar, em suma: as dificuldades que tínhamos para sobreviver como artistas, então, foi meu primeiro contato com Goeldi. [...]

Depois da reunião, iniciou-se uma amizade entre nós que durou onze anos. Aprendi muito com ele nessa convivência, não coisas ligadas à técnica da arte. Ele me ensinou e me fez compreender todo o movimento expressionista alemão. Era um homem culto, sensato e rigoroso. Costumava dizer: “Não acredito em artista de mau caráter”. Era um homem fora do comum. Através dele, conheci a obra de Alfred Kubin, de quem tive uma enorme influência na maneira de desenhar.

Com o Prêmio de Viagem ao Exterior, fiquei dois anos e pouco viajando pela Europa. Impressionou-me tudo que vi e vivenciei em Roma, Itália, Alemanha, Áustria e Espanha. Em Bolonha, conheci Morandi, com quem mantive um tipo de amizade muito semelhante à que tive com Goeldi. Com essa vivência na Europa e a amizade de Morandi e outros artistas, romperam-se certas dúvidas referentes à arte.

Também minha vivência e permanência na Alemanha, tendo contato com artistas alunos da Escola de Ulm, teve grande importância na minha formação e no meu conceito artístico. Aprendi, ou melhor, compreendi o que pretendeu a Escola Superior de Desenho da Bauhaus.

Voltando ao Rio, na década de 60, fui mostrar a Goeldi minha nova fase de artista. Era a época da VI Bienal de São Paulo, 1961. Goeldi fora convidado e se recusara, por razões pessoais, a fazer uma grande retrospectiva. Era minha intenção participar pela primeira vez da Bienal de São Paulo, mas apenas por solidariedade a Goeldi disse a ele que também não participaria. Ele me respondeu: “Não, Darel, você tem me ouvido muito. Já é tempo de ouvir outros sobre o que você está fazendo”. Ele já estava com problemas cardíacos e coincidiu que dois dias depois estava morto.

A convivência com Goeldi, minha vivência na Europa e, mais tarde, nas décadas de 80 e 90, minhas idas e vindas a Estados Unidos, México, Canadá e França, deparando-me com a força de Pollock, De Kooning e Rothko, influenciaram muito minha maneira de ver arte. Hoje, com o “império da informática” e o surgimento de Lucien Freud, o século XXI está em aberto.

26 de junho de 2010.